

GT - QUESTÃO URBANA, AGRÁRIA, AMBIENTAL, MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL

A SECA E SEUS EFEITOS NA REGIÃO DO SERIDÓ: AÇÕES DE ENFRENTAMENTO

Maria Auxiliadora Oliveira da Silva
Professora do Curso de Serviço Social da FCST, Caicó - RN
e-mail: auxiol@yahoo.com.br

Helayne Pricilla Macedo de Souza
Aluna do Curso de Serviço Social da FCST, Caicó – RN
e-mail: helaynepricilla@hotmail.com

Marlon Moura de Oliveira
Aluno do Curso de Serviço Social da FCST, Caicó – RN
e-mail: moura.marlon158@gmail.com

Um dos maiores problemas enfrentados pela população nordestina tem sido a seca, causada pela escassez de água. A seca tem castigado a população desde os tempos mais remotos, como o período colonial. No Rio Grande do Norte muitos municípios já se encontram em estado de emergência, com barragens secas e açudes bem abaixo de sua capacidade. O trabalho procura identificar os transtornos causados pela estiagem desde 2012 na região do Seridó e como a população do campo tem enfrentado essa problemática. Para a realização do trabalho, recorreremos além da pesquisa de campo, através de entrevistas nas comunidades rurais, a fontes documentais e leituras bibliográficas, com o intuito de conhecermos a realidade enfrentada pela população do campo.

A população tem enfrentado graves problemas com a falta de água, principalmente a população do campo, causando uma série de prejuízos aos agricultores. De acordo com Andrade (1998), o grande drama no Nordeste não é apenas representado pelas secas, mas pela política de combate a mesma. Na verdade, a questão da seca no Nordeste não se resume apenas à falta de água, mas a falta de compromisso dos nossos representantes políticos. As políticas hídricas, que foram realizadas com a construção de barragens, açudes e irrigação, não foram suficientes para suprir as necessidades dessa população.

A seca tem prejudicado principalmente a população mais pobre que não dispõe de recursos para enfrentá-la. A ausência de políticas eficazes por parte do poder público tem contribuído para o agravamento desse quadro. Ainda de acordo com Andrade (1988, p. 73): “necessário se faz que o Governo tenha um compromisso maior com o povo, fazendo uma melhor aplicação do dinheiro público nas regiões secas [...]”. Diante desta realidade, o homem do campo é quem mais sofre com os seus efeitos, pois as secas são as responsáveis diretas da grande evasão/migração que ocorre do campo para a zona urbana. Dessa forma, o sertanejo não tendo mais como manter sua subsistência e de sua família se ver forçado a vender suas terras para tentar a vida na cidade. Por sua vez, a migração descontrolada acarreta grandes problemas sociais como a superlotação da zona urbana, a falta de emprego e o aumento do trabalho informal, moradia inadequada e o aumento de favelas/cortiços, dentre outros.

Os impactos da seca na região do Seridó

São visíveis os impactos da seca em todo o Estado. Na região do Seridó cidades e comunidades rurais já estão sendo abastecidas por carros pipas. No campo a situação se agrava mais ainda, onde a população não tem como manter seu gado devido ao longo tempo de estiagem. De acordo com o relato de uma moradora da comunidade Saudade¹, por não ter ração suficiente para alimentar o gado, a produção de leite é afetada: *“É muito difícil porque o dinheiro que a gente sobrevive é este do leite e minha aposentadoria, a minha é para eu comprar remédio. Aí eles [os filhos] sobrevivem só com isso, com o dinheiro do leite”*.

A visita às comunidades rurais nos proporcionou conhecer a dura realidade enfrentada pelo homem do campo e o desespero diante das dificuldades vivenciadas. Com a falta de chuva, muitos moradores que viviam da agricultura de subsistência ou da criação de animais, buscam outros meios de sobrevivência, como os bicos (pedreiro, servente de pedreiro e algumas fábricas, onde é vendida a força de trabalho), ganhando renda extra para se manter e manter sua família. Conforme relato dos moradores da comunidade Saudade, esta seca que se estende desde 2012, tem sido uma das piores das últimas décadas, como afirma a agricultora Maria de Fátima²: *“Já vi várias secas, agora esta sendo difícil porque já são três anos encarreados. A gente acha que é pior por conta disso, três anos encarreados. E*

mais que o açude não encheu, esse ano se tomou um palmo foi muito". Devido às dificuldades decorrentes da falta de chuva, detectamos casos de pessoas que venderam suas casas ou pensavam em morar na cidade. Assim como, em sua maioria, casos de pessoas que mesmo diante de tanto sofrimento, jamais deixariam suas terras e iriam morar na cidade, pois nasceram e se criaram na comunidade e têm esperança de que, com o retorno das chuvas, a situação melhore. Diante de todo sofrimento, um agricultor afirma: *"eu adoro viver de agricultura. Tem pessoas que tem vergonha de dizer, mas eu não tenho, eu amo o que faço. Por mais que trabalhe demais, amo tudo isso"*³.

Outra constatação é que algumas comunidades são mais assistidas do que outras, dispondo de cisterna comunitária e residencial, onde o morador da comunidade dispõe de um reservatório de água em sua casa e programas sociais do governo, como é o caso da Barra da Espingarda. Portanto, mesmo no período de estiagem e com muita dificuldade a comunidade ainda desenvolve a agricultura. Algumas famílias vivem apenas da agricultura. Plantam para garantir a sobrevivência da família e o excedente levam para vender na cidade. Outras complementam com trabalhos na zona urbana.

Ao perguntarmos como a população analisava esse período de estiagem, como sendo uma das piores secas já enfrentadas, tivemos divergência em relação às respostas. De acordo com uma moradora da comunidade da Barra da Espingarda, recorda-se da seca de 1958 (ano em que nasceu) contada por seus pais, da de 1993, mas nunca viu uma seca como a de 2012 para os dias atuais: *"eu ia perder meu gado, e meu marido, porque ele só falava em suicídio se amanhecesse o dia e não visse o gado vivo, batia o desespero nele"*⁴. Levando em consideração outros relatos de moradores da mesma comunidade, por enquanto não enfrentam uma seca tão forte, ao ser comparada com a situação de outras comunidades, como foi bem visível nas comunidades Alecrim, Saudade e Aroeira. Destacando ainda que a comunidade já vivenciou secas bem piores, porque não existia água encanada, a instalação de cisternas e outros.

Diferente das demais comunidades, de acordo com os relatos dos moradores, há uma boa atuação nas atividades do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que tem sua sede na cidade de Caicó, o que tem contribuído para o acesso da população nos diversos programas do governo, embora não sejam suficientes para enfrentar o período de estiagem. A comunidade conta com programas como, Bolsa Família,

Garantia Safra, e de Caráter Produto⁵, para que os moradores, mesmo no período de estiagem, possam desenvolver alguma atividade ou investir em suas terras, como relata a moradora Sebastiana Soares da Silva⁶: *“Já recebi as sementes também para fazer as hortas”*. Além disso, a moradora também recebeu o *“caráter produtivo” que é referente à criação de galinhas que é para dá incentivo à produção, ganharam galinheiro, bebedouro...”*.

Na comunidade existe uma boa criação de galinhas, destacando que são delas que vem parte da renda da família, pois os ovos são vendidos para outras pessoas fora da comunidade.

Criam ovelhas, gado, galinhas, alimentam com milho, capim das vazantes e complementam com ração que compram no armazém.

A comunidade ainda dispõe de escola e posto de saúde. Elogiam muito a estrutura da escola, por ser grande e que daria para funcionar uma escola com segundo grau. Já em relação à saúde, relatam a sua precariedade. Ainda de acordo com o relato de uma moradora sobre a saúde: *“O médico atende quinzenalmente e falta enfermei; fizemos um abaixo-assinado pra a enfermeira voltar porque nós todos aqui em casa somos hipertensos e não tem uma pessoa sequer para vir verificar minha pressão, eu mesma verifico a minha”*⁷. No entanto, tem normalmente o serviço do Agente Comunitário de Saúde que faz a visita periódica à casa da moradora. Segundo os moradores, com a transferência da enfermeira para outro local, eles passaram três meses sem enfermeira. Ao visitarmos o posto de saúde nos deparamos com o mesmo fechado.

Em relação às demais comunidades rurais visitadas, observamos que existe uma carência maior da população quando comparada à Barra da espingarda. Algumas não dispõem de reservatórios, como cisterna em suas residências depende do açude que abastece a comunidade que já está praticamente seco e sem condições de consumo humano, por isso, muitos moradores precisam comprar água para beber, como é o caso da Aroeira. Quando visitamos a comunidade em novembro, havia uma grande preocupação da população, pois, segundo os mesmos, a água do açude só daria até aquele mês e até o momento não havia nenhum projeto para resolver o problema da falta de água.

No que se refere à atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, localizado em Jucurutu, junto aos moradores nesse período de seca, há uma grande divergência, já que alegam a ausência do sindicato no tocante aos problemas

enfrentados pela população, principalmente em relação à escassez de água. Ao procurarmos o presidente do sindicato, o senhor Rui Lopes da Silva⁸, para sabermos como ficaria a situação da população, tivemos a seguinte informação:

O sindicato trabalha com parceria com o município, agora o município é quem está dando suporte nas propriedades onde está faltando água. Está mandando maquinário, furando cacimba para dar água para os animais, e quando dá de boa qualidade fornece água para os humanos, e o Exército que eu acompanho nas entregas das águas que é junto com a secretaria de agricultura a gente abastece a zona rural, toda zona rural de Jucurutu no raio de 500 metros de uma cisterna para outra e de acordo com a quantidade de gente que mora na residência recebe a água, uns com trinta dias, outros com menos e outro com mais, depende da quantidade de pessoas que tem e o município também tem conseguido com o governo do Estado alguns poços, mais infelizmente os poços são muito poucos. Foi colocada uma parte na zona rural e outra na zona urbana porque a gente no passado teve dificuldade na zona urbana, mais devido adutora a zona urbana esta regularizada com rodízio de abastecimento e a zona rural o Exército esta dando suporte a defesa civil.

Como vimos, há uma divergência no relato dos moradores da comunidade e o sindicato, pois muitos moradores não dispõem de cisternas e ainda têm que comprar água para beber, ainda se coloca a possibilidade de ser disponibilizada uma pipa d'água uma vez na semana para beber, pois assim evitariam comprar.

Devido à seca, torna-se limitado o desenvolvimento da agricultura na comunidade, contribuindo para a busca de outras atividades, como relata um morador:

nós não vivemos da agricultura, pois aqui o solo é ruim, eu vivo de criar porcos e tenho alguns bodes, vendo água em casa e também sou pedreiro e moto taxi quando estou "parado" em Jucurutu. Eu alimento os animais que crio com ração e o resto de comidas. Enfrentamos a seca do jeito que Deus permite, com o pouco de água que temos, pois como viram é muito pouco e só dar para mais um mês, aí depois não sabemos como será⁹.

Algumas famílias além da agricultura de subsistência garantem o seu sustento com aposentaria de um membro da família ou têm alguma venda em casa. A comunidade ainda conta com um posto de saúde, com atendimento médico uma vez na semana, como também com serviço odontológico, enfermeira e agente comunitário de saúde que faz as visitas às residências.

Em relação à educação, funciona até o 9º ano do ensino fundamental. Uma das reivindicações da comunidade é o funcionamento à noite do EJA para quem não tem condições de frequentar durante o dia, estudar à noite, até mesmo os pais dos

alunos, assim como o ensino do 2º grau para que seus filhos não precisem ir para a cidade concluir seus estudos.

As comunidades Alecrim e Saudade, município de Serra Negra do Norte, têm realidades bem semelhantes com a Aroeira. A população enfrenta grandes dificuldades para desenvolver a agricultura de subsistência por causa da seca, já que os recursos estão esgotados para se manter no período de estiagem, como é o caso dos açudes secos, sendo a população abastecida por carros pipas.

Vivem da agricultura, e o que plantam é para o consumo próprio (subsistência). Quando excede um pouco do que precisam para consumir levam para vender e o dinheiro que conseguem da venda, pagam, por exemplo, a conta da energia elétrica, complementando a renda com a aposentadoria de algum membro da família ou programas sociais do governo Federal como Bolsa família e Estiagem.

A comunidade do Alecrim não dispõe de escola para os filhos dos agricultores, estes, têm que se deslocar para o sítio vizinho, Saudade, há três quilometro para estudarem. O ensino funciona do 1º ao 5º ano do fundamental. Para dar continuidade aos estudos vão para Timbaúba dos Batistas e Serra Negra do Norte em um “pau-de-arara” que passa na comunidade. Há uma grande reclamação da precariedade em relação aos serviços de saúde, pois, segundo os mesmos, não funciona como gostariam que funcionasse. O médico é do programa “Mais Médicos” do Governo Federal e só atende na comunidade de oito em oito dias. Além disso, existe um pouco de dificuldade na comunicação entre o médico e o paciente. Os moradores também gostariam que no posto de saúde tivesse outras especialidades como: dentista, ginecologista e fonoaudiólogo. Relatam ainda queixas do serviço do Agente Comunitário de Saúde que só faz a visita uma vez ao mês e mesmo assim há épocas em que não faz por não ter nem diabéticos, nem hipertensos nas residências, alegando ainda que o Agente de Saúde só passa mais nas casas de quem tem algum tipo de limitação na saúde física.

De acordo com uma moradora da comunidade, estão passando por uma dificuldade muito grande para alimentar o gado:

“tenho sete cabeças de gado e se alimentam do capim seco, de xique-xique: “a gente queima o xique-xique para tirar os espinhos, corta e dá pro gado comer”. Ainda assim não é suficiente para manter o gado nutrido, por isso ainda compra por semana 20 kg de ração de armazém para acrescentar na alimentação¹⁰”.

Os impactos da seca são gigantes, mesmo assim, muitos moradores não querem deixar sua casa para irem morar na cidade como relata uma moradora: *“Não troco a zona rural por dez cidades, cavo buracos para achar água, mas não saio daqui”*. Quando vou à cidade resolver alguma coisa, já fico doida pra vir embora pra casa¹¹”. Percebemos o apego que a população tem pelo espaço em que vive na zona rural, mas a seca tem proporcionado a saída de muitas pessoas para a cidade, assim como a ausência do Estado e até mesmo de associações que deveriam dar mais atenção a essa população como é o caso do Sindicato de Trabalhadores Rurais da comunidade que, segundo os moradores, deveria ser mais atuante, relata uma moradora, dizendo que até mesmo uma cisterna que tem em sua residência foi compra com dinheiro próprio. O grande desafio é encontrar sindicatos atuantes, onde exista luta pelos agricultores e uma busca por meios que melhorem a situação do homem do campo.

A comunidade Saudade, assim como a Aroeira e Alecrim, enfrenta o mesmo problema com a seca e tem realidades bem semelhantes, onde os recursos já estão bem escassos, sendo abastecido por carro pipa devido ao açude que abastece a comunidade está seco. No período de chuva a população vive da agricultura, plantando milho, batata, feijão, melancia, melão e outros, como também da criação de animais. No período de estiagem, tanto a agricultura como a criação de animais ficam limitadas.

O homem do campo

O homem do campo, caracterizado por ser forte, lutador e esperançoso, está passando pela pior fase da seca de todos os tempos. Assim, preocupado e sabendo das dificuldades que enfrenta com a chegada da seca, recorre às experiências para saber se o ano será chuvoso ou seco. Na análise de Jorge Coelho sobre o homem do sertão, relata:

O sertanejo, em sua convivência com as secas, aprendeu a observar a natureza e dela tirar muitas experiências que lhe valem como previsão de seca. Assim, através do canto de pássaros, como a conhecida Asa Branca, a floração de plantas, como o mandacaru, a desova do aruá (caramujo), a posição da casa (ninho) do João-de-barro e do marimbondo, e tantas outras observações matutas, dão ao homem do Sertão uma larga experiência sobre as variações do tempo. (1985, p.17).

Mesmo apelando para as experiências, a cada dia que passa o homem do campo se vê mais desesperançoso com a falta de chuva, o que tem levado muitos a

migrarem para a cidade. Essa seca que traz consigo a falta de dignidade humana, onde o homem passa a vender suas terras por pequenas quantias para que, assim possa sobreviver com o que resta. Pois quando a seca se prolonga causa uma grande catástrofe, matando as plantações e eliminando parte do gado com a fome. Abandonam seus sítios, nos quais residem há anos, por não terem condições de sobreviver naquele lugar.

Em todas as visitas às comunidades rurais, deparamo-nos com relatos dos moradores sobre as dificuldades enfrentadas.

É nítido o seco das folhas, as poucas árvores e o sofrimento no rosto dos agricultores, que precisam sustentar suas famílias através do plantio e da criação de animais, mas, a cada dia que passa, a tão esperada chuva não aparece.

As visitas às comunidades rurais nos proporcionaram visualizar as múltiplas expressões da “questão social¹²” existentes nas comunidades rurais, como a falta de oportunidade e compromisso para com a população do campo, o desemprego, a precariedade na saúde e na educação, assim como o descaso e a carência dos moradores, principalmente no que se refere ao período de seca, onde algumas comunidades estão sendo abastecidas com carros pipas, sendo necessário poupar ao máximo para ter como cozinhar, por vezes deixando de suprir as necessidades básicas (banho) ou ainda, comprando água para beber.

Tendo em vista que a maioria dos entrevistados não pensam em migrar para a zona urbana, pois nasceram e viveram no campo e tem a esperança de melhoras, é preciso buscar uma atenção especial para este caso. Sabe-se que o Estado não é culpado pelo fenômeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica, mas sabe-se também que tem como melhorar a situação, criando alguma política para melhorar essa situação que como é colocada pelos entrevistados, é a pior seca dos últimos anos, deixando mais de 500 cidades em estado de emergência.

Ao analisar a estrutura e o modo de vida dos moradores da zona rural, é nítida a precariedade causada pela problemática da seca, conseqüentemente a escassez na plantação e na criação de animais, este é um problema também do Estado, já que não existem políticas eficazes para prevenir tamanho problema.

Em cada visita feita, cada caso analisado e as diferentes comunidades e família, nota-se que a seca vem causando uma grande dor de cabeça para os

agricultores, talvez uma das piores épocas vividas, já que alguns, a maioria deles, não tem como viver apenas do que planta em sua propriedade ou comunidade rural.

A falta de água é uma preocupação imensa, não apenas do homem do campo, mas de toda a população, já que é através do plantio que vem o arroz, o milho, o feijão e alguns alimentos, assim como também a alimentação do gado, o leite e muitos outros problemas causados.

A intervenção do poder público

A indignação dos moradores é implícita no que diz respeito às ações de enfrentamentos à seca nas comunidades rurais, utilizando o poder público de medidas paliativas, como é o caso dos carros pipas, pois o problema da falta de água poderia ser resolvido com ações mais eficazes e em curto prazo, ou seja, investir mais nas políticas hídricas, através de perfurações de poços, projetos que proporcionem aos moradores terem noção das prevenções que podem ser tomadas com a chegada do período de estiagem, cursos profissionalizantes, que possam contribuir para o aperfeiçoamento dos agricultores nas tarefas diárias.

Essas políticas públicas são vistas pelos moradores como soluções distantes da realidade em que vivem, pois se dependerem da intervenção do Estado para serem colocadas em prática, não se concretizarão, pois a problemática da seca vem sendo discutida desde o império de D. Pedro I, e até hoje não desenvolveu nenhuma política de combate aos seus efeitos. De acordo com Manoel Correa de Andrade (1988, p. 70), “o problema do Nordeste não é físico, climático, mas social e político e será solucionado no dia em que o Governo passar a representar realmente os desejos e aspirações do povo”. Portanto, a ineficácia das políticas públicas contribui para que os agricultores sejam obrigados a viverem nas condições mais precárias e com medidas paliativas, como por exemplo, no abastecimento dos carros pipas, onde é gerado um transtorno nas comunidades, devido o abastecimento ser organizado de forma inadequada, não dando suporte a todas as residências, obrigando, assim, que os moradores precisem comprar água para beber e manter suas necessidades diárias.

Outro mecanismo utilizado são os Programas Sociais do Governo Federal, que contemplam famílias com Bolsa Família, Bolsa Estiagem, Garantia Safra; além disso, vivem também através de uma aposentaria de algum membro familiar. De

acordo com o relato dos moradores das comunidades, esses recursos não são suficientes para enfrentar o período de estiagem. Indignada com a situação, relata uma moradora: *Agente elege eles, colocamos no poder e nada acontece. Quem deveria trazer melhorias eram os políticos*¹³. Isso ressalta a precariedade nas políticas desenvolvidas por parte do poder público.

Alguns projetos que têm sido desenvolvidos pelo poder público, como perfurações de poços, barragens subterrâneas, assim como outros, as comunidades visitadas ainda não foram contempladas. Nem todas as comunidades dispõem de cisternas, outras foram construídas por conta própria.

De acordo com as visitas as comunidades rurais, o que vimos foi um grande descaso do poder público na elaboração de políticas eficazes para amenizar o sofrimento dessa população, que passam por situações de miséria e vulnerabilidade social.

Em relação a atuação do assistente social, uma dos espaços sociocupacionais do assistente social é a EMATER, em Caicó, onde o profissional é requisitado a trabalhar com as comunidades rurais e consequentemente, nesse período, com a seca, período de estiagem que aguça as expressões da questão social.

Nesse espaço a figura do assistente social é indispensável, uma vez que esse profissional busca articular os direitos sociais básicos, através da combinação com a rede socioassistencial. Ou seja, o profissional pode encaminhar os usuários para programas, projetos e serviços que supram suas necessidades. Pode articular os poderes públicos e a sociedade civil para amenizar os problemas socioambientais advindos da seca. A orientação social também é um dos diferenciais do profissional, neste contexto, onde ele pode ouvir os usuários e orientá-los quanto às políticas públicas disponíveis no local que podem ser procuradas pelo usuário. Contudo, podemos dizer que o assistente social é um profissional indispensável, diante das calamidades públicas e em particular na seca no Seridó.

A EMATER disponibiliza, apenas, de uma assistente social, mas devido às precariedades da instituição, sua atuação fica limitada, inclusive isso foi frisado nas comunidades rurais. Esse foi um ponto observado nas comunidades rurais em relação à atuação do assistente social que é pouco expressiva, que decorrente da falta de recursos das instituições nas quais os profissionais trabalham. Para além da

inserção precária há um déficit do número de profissionais, o que ocasiona insuficiência dos atendimentos necessários.

Vontade de realizar projetos para a zona rural existe pelo profissional, mas é impossibilitado devido à falta de estrutura de meios que compõem o conjunto que forma a atuação da assistência no município de Caicó-RN. É impossível, em qualquer área, um profissional desempenhar seu trabalho, quando existe um interesse partindo apenas dele, sendo privado de fazer qualquer articulação, atividade para esclarecer os direitos dos usuários, reuniões, e quais os benefícios que por direito deveriam ser viáveis nesse momento de seca. Pois como um Assistente Social poderá desenvolver alguma atividade com a população rural, se a instituição não dá condições para realizar seu trabalho? Essa é uma questão que preocupa o profissional, devido ser ele o intermediador do usuário frente às problemáticas caracterizadas por diversas expressões da questão social como as desigualdades sociais, falta de articulação dos sindicatos com os moradores, pobreza, falta de moradia e outros.

Para que o profissional da assistência contribua com seu trabalho, é preciso um interesse dos governantes, com políticas sociais, que sejam atuantes e que não passem apenas de medidas paliativas, mas tenham uma solução concreta. O próprio Estado falta com sua responsabilidade de colocar em prática as políticas sociais, projetos, que melhorariam a vida dessa população.

O papel do assistente social nas comunidades rurais é analisado, como um ser intermediador da classe trabalhadora, lutando por direitos, que possam fortalecer as necessidades humanas. Não tem como um profissional atuar em seu meio de trabalho se ele não tem condições dignas que facilitem sua atuação. E a partir disso, pode-se refletir como o Estado quer um profissional capacitado em sua atuação, se falta na instituição recursos que contribuem para o aprimoramento de suas demandas.

No âmbito da pesquisa foi observado que, mesmo existindo as políticas sociais, existe uma falha do Estado no que diz respeito às soluções para resolver os problemas atuais dos moradores da zona rural, pois as políticas sociais existentes têm contribuído para amenizar os transtornos causados pela seca, mas não foram suficientes para suprir as necessidades causadas.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Manuel Correa de. **A Terra e o Homem no Nordeste** – contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. Recife: Editora da Universidade da UFPE, 1998.

_____, A intervenção do Estado e a seca no Nordeste. In:_____. **Nordeste: alternativas da agricultura**. Campinas, SP: Papirus, 1988, p. 61-70.

_____, Seca e política. In:_____. **Nordeste: alternativas da agricultura**. Campinas, SP: Papirus, 1988, 71-73.

_____, **A seca: realidade e mito**. Editora ASA Pernambuco, 1985.

COELHO, Jorge. **As secas do Nordeste e a indústria das secas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1985.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo, Cortez, 2000.

¹ Município de Serra Negra do Norte/RN. Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 13 de novembro de 2014.

² Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 11 de setembro de 2014 na comunidade Barra da Espingarda, município de Caicó.

³ Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 11 de novembro de 2014.

⁴ Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 11 de setembro de 2014.

⁵ “O caráter produtivo do P1+2 proporciona às famílias agricultoras alguns materiais para serem utilizados na construção de benfeitorias na propriedade, por exemplo, cercas, galinheiros, sistemas de irrigação, entre outros. Dentre estes materiais podemos citar: postes, arames, telas, mangueiras, etc. Além disso, as famílias beneficiárias receberam algumas variedades de mudas frutíferas, como laranja, limão, acerola, manga, caju, graviola, goiaba e umbu. Ainda foram entregues sementes, pás, enxadas, carrinhos de mão, regadores, dentre outros. Esses materiais irão contribuir para que as famílias fortaleçam a sua produção”. http://www.asabrasil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_NOTICIA=8263. Acessado em 23 de outubro de 2014.

⁶ Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 25 de setembro na comunidade Barra da Espingarda município de Caicó em 2014.

⁷ Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” em 25 de setembro na comunidade Barra da Espingarda município de Caicó em 2014.

⁸ Entrevista concedida à Marlon Moura, componente da pesquisa, no Sindicato de Trabalhadores Rurais na cidade de Jucurutu em 09 de dezembro de 2014.

⁹ Entrevista concedida aos componentes do grupo de pesquisa “A seca e seus efeitos na região do Seridó” na comunidade Aroeira município de Jucurutu em 16 de outubro de 2014.

¹⁰ Entrevista concedida aos componentes da Pesquisa na comunidade Alecrim município de Serra Negra do Norte em 18 de setembro de 2014.

¹¹ Entrevista concedida em 18 de setembro de 2014 na comunidade Alecrim.

¹² Segundo IAMAMOTO, Marilda Villela (2000, p. 27), Questão social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade.

¹³ Entrevista concedida ao grupo de pesquisa na comunidade Saudade Município de Serra Negra do Norte em 18 de setembro de 2014.